

Avaliação do potencial histórico-arqueológico no

PARQUE DO MARTELO

Levantamento preliminar realizado de janeiro a setembro de 2017,
em colaboração às atividades desenvolvidas pelo projeto PoleN (Unirio/AMAH)

Camilla Agostini
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Departamento de Arqueologia

Versão dezembro, 2017

**Avaliação do potencial histórico-arqueológico no
PARQUE DO MARTELO**

Levantamento preliminar realizado de janeiro a setembro de 2017, como colaboração às atividades desenvolvidas pelo projeto PoleN – *Projeto de Observação e Laboratório de Estudos na Natureza*, sob coordenação Geral de Heloísa Helena Albuquerque Borges Quaresma Gonçalves (Unirio) e Mônica Claro (AMAH)

Coordenação:

Camilla Agostini (UERJ / Departamento de Arqueologia)

Colaboração externa ao PoleN:

Clarissa Coimbra Canedo (UERJ / Departamento de Zoologia / IBRAG)

Estagiários:

Erika Sain't Just (UERJ – Departamento de Arqueologia)

Mateus Ribeiro (UERJ – Departamento de Arqueologia)

Renata Góes (UERJ – Departamento de Arqueologia)

Pablo Sena (UERJ – Departamento de Arqueologia)

Carolina Tuchler (UERJ – Departamento de Arqueologia)

Phelipe Machado Borba (UERJ – Departamento de Arqueologia)

Índice

Apresentação.....	3
Mapeamento preliminar das trilhas do Parque do Martelo e vestígios associados	5
Setorização	9
Entorno Sede (ES).....	10
Trilha da Horta (TH)	13
TH/A2 (anteriormente designado Platô 1)	14
TH/A3 (anteriormente designada Platô 2).....	19
TO (Topo do Maciço).....	22
TH/A4 (anteriormente designado Platô 3)	24
Trilha do Beija-Flor (TBF).....	25
Trilha do Urubu (TU).....	29
A0	30
TU/A2 (Toca do Urubu).....	31
TU/A3 (anteriormente chamado de Platô 1)	31
TU/A4.....	32
TU/A5.....	33
TU/A6.....	33
Atividade didática	34
Prática de Campo	34
Coleta e identificação de materiais.....	36
Pesquisa histórica (oralidade e memória) sobre antiga ocupação que ocorreu no local .	42
Antigos moradores	43
Banco de dados de personagens	44
Pesquisa sobre a história-memória do Parque do Martelo	46
Registro gráfico e fotográfico	47
Considerações finais.....	48

Apresentação

Este relatório apresenta um levantamento preliminar do potencial histórico-arqueológico da área que hoje integra o chamado Parque do Martelo, que abriga 16.000 m² de vegetação, localizado na Rua Miguel Pereira, 41 – Humaitá / RJ. Este levantamento foi realizado entre os meses de fevereiro e setembro de 2017, como colaboração do projeto *Campos e Saberes: prática de pesquisa interdisciplinar na extensão da sala de aula*, por mim coordenado, às atividades desenvolvidas pelo projeto PoleN – *Projeto de Observação e Laboratório de Estudos na Natureza*, sob coordenação Geral de Heloísa Helena Albuquerque Borges Quaresma Gonçalves (Unirio) e Mônica Claro (AMAH).

A convite de Mônica Claro (atual diretora do Parque do Martelo), em nome da Associação de Moradores do Alto Humaitá, o projeto Campos e Saberes veio a integrar o projeto PoleN de forma colaborativa, oferecendo de sua parte um reconhecimento do potencial histórico-arqueológico e cultural da área do parque e as possibilidades de implementação de trilhas interpretativas para visitação. A equipe de pesquisa que integra o projeto Campos e Saberes realizou, portanto, no referido período, as seguintes atividades que serão detalhadas neste relatório:

- 1) Mapeamento preliminar das trilhas do Parque do Martelo com identificação de vestígios a elas associados;
- 2) Atividades didáticas;
- 3) Pesquisa preliminar sobre ocupações no local antes da criação do parque;
- 4) Reconhecimento da história-memória do Parque do Martelo;

Mapeamento preliminar das trilhas do Parque do Martelo e vestígios associados

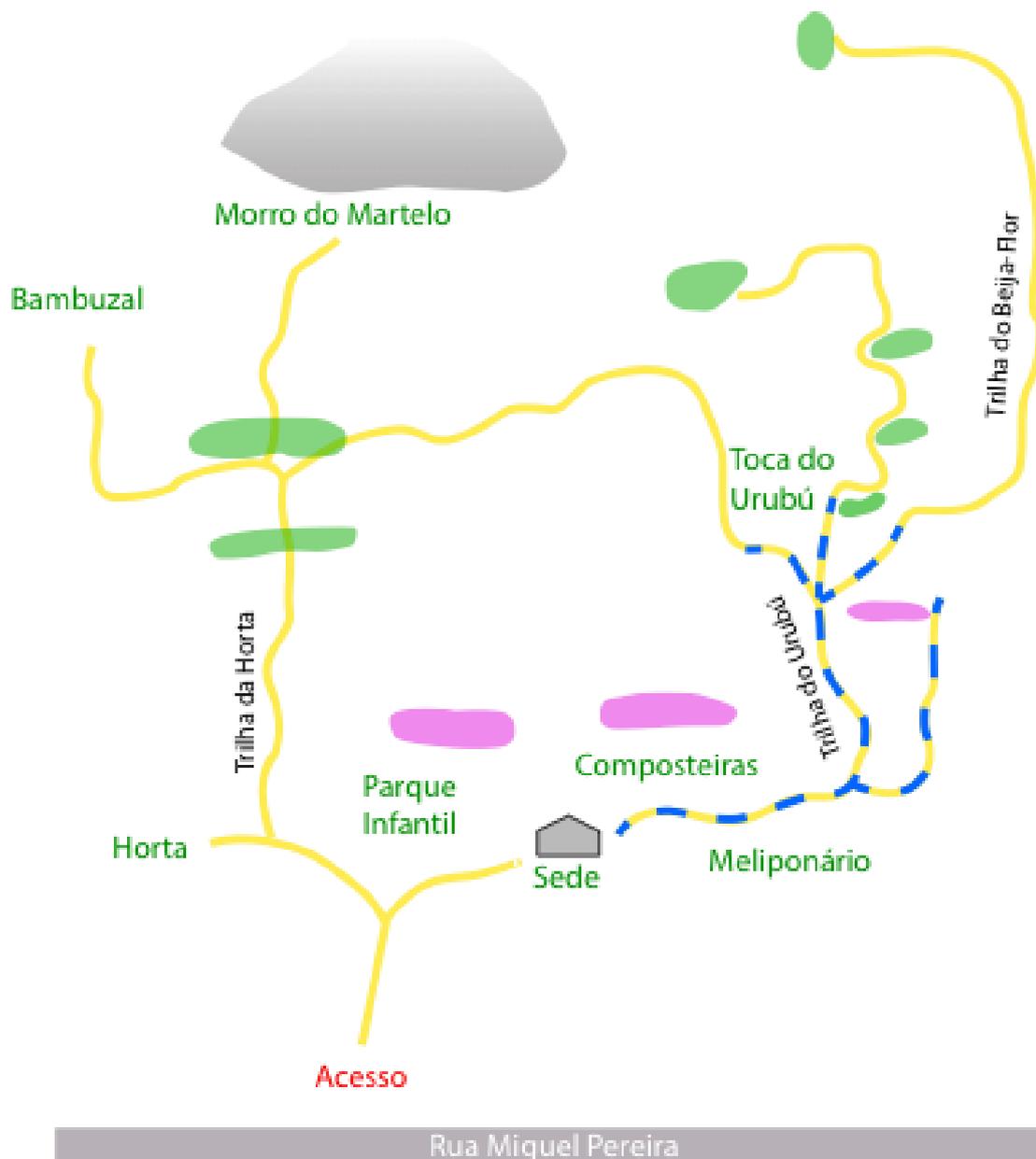
Foram identificadas três principais vias que podem ser estruturadas para visitação, com graus de dificuldade variados, sendo duas delas passíveis de interligação (formando um trajeto tipo circuito). Foram identificados e caracterizados espaços referentes a uma ocupação que ocorreu no local durante o século XX, que foi removida por determinação das autoridades governamentais. A referida ocupação – que foi composta principalmente por habitações populares e espaços de trabalho tais como oficinas mecânicas para automóveis, entre outros – deixou vestígios que são hoje passíveis de visitação ao longo dos trajetos. Nesse sentido, foram identificados platôs com concentração de ruínas, estruturas e fragmentos em superfície e realizada uma caracterização preliminar dos mesmos.

As trilhas e áreas identificadas que permitem uma perspectiva sociocultural da visitação têm abaixo suas especificações com relação às condições de acesso e segurança:

- 1) Entorno da sede: não se caracteriza como trilha, mas apresenta três áreas passíveis de visitação com vestígios de antigas estruturas de casas e oficinas mecânicas. Duas áreas contêm ruínas com características bastante interessantes e peculiares dos espaços de trabalho dos antigos moradores, no entanto há risco de queda das mesmas, não sendo indicado o acesso para visitantes sem que haja sua estruturação/consolidação. Uma terceira área contém apenas estruturas de pequenas dimensões e profusão de fragmentos em superfície, no entanto, pelas características do contexto arqueológico, aparentemente revolvido, não é recomendada como prioridade para musealização e visitação.
- 2) Trilha da Horta: trilha de fácil acesso, mas com dificuldade moderada – composta por quatro trechos curtos e bastante íngremes, sobre a rocha. Alto potencial para musealização e visitação de platôs que estão entre os trechos, com profusão de estruturas de pequeno porte, sem risco de queda dos mesmos, incluindo pisos de cimento queimado que precisariam de um cuidado para a sua exposição. No referido 1º platô (TH/A2) há, no seu lado Sul, um local com risco de desabamento da encosta e de estruturas (com a queda prevista na direção atualmente do local da horta). A partir do 2º platô (TH/A3), há uma subida pelo maciço, bastante íngreme, passível de ser realizada sem equipamento específico, mas, nesse caso, com dificuldade mais elevada. No topo do maciço se tem uma bela vista do bairro de

Botafogo, incluindo o corcovado e o pão-de-açúcar. Em outro ponto se tem a vista da Lagoa, mas esta com acesso mais dificultoso e sem local de permanência para descanso e apreciação. O topo do maciço tem vários locais para trânsito, com certo grau de periculosidade, não se constituindo apenas por um só topo. Tanto do ponto de vista de trilha, quanto dos conteúdos culturais a ela associado essa Trilha da Horta oferece alto potencial para visitação, sem a necessidade de muitos recursos e com relativa facilidade de implementação – a não ser pelo referido ponto com risco de desabamento, o qual se recomenda que seja averiguado por especialistas ou pela Defesa Civil; e a área do topo, após o TH/A3, recomendada apenas para pessoas com experiência.

- 3) Trilha do Beija Flor: trilha para passeios de muito fácil acesso, com inclinação mínima, quase plana, com apenas um pequeno barranco a ser vencido no trajeto, que com a implantação de uns poucos degraus se tornaria de fácil acesso a crianças pequenas ou idosos. No início da Trilha do Beija Flor, se passa por uma área com ruínas da antiga ocupação, o que faz crescer o interesse pelo passeio. Atualmente as duas maiores estruturas nesse acesso estão sendo adaptadas para uso do grupo do Ciclo Orgânico atuante no parque – para depósito de sedimentos e depósito de ferramentas. O ponto de chegada é um recanto em U muito peculiar. Embora a implementação dessa trilha seja fácil de estruturar e a única com o benefício de facilitar o passeio a pessoas com maior dificuldade de locomoção, há, no trajeto, um trecho de grande proximidade a casas vizinhas. Após o ponto do recanto dos beija flores há um acesso ao seu topo mais a Oeste e, mais adiante, a uma encosta muito íngreme, que, vencida, encontra acesso ao topo do maciço pelo lado de trás / Oeste (onde há um muro e grade com portão desativado trancado).
- 4) Trilha do Urubu: trilha com graus de dificuldade variáveis. Seu primeiro trecho foi redefinido recentemente para ser iniciado à altura do meliponário, mas em direção ao Oeste. Trata-se de um trecho curto, em um barranco pouco íngreme, de fácil acesso. Avalia-se o interesse de estruturação de patamares ao fim desse primeiro trecho, para local de descanso e maior recolhimento para o visitante – local onde se vê um pequeno conjunto de estruturas da antiga ocupação, sem aparente risco de desmonte (a não ser um muro de arrimo em risco de queda). A partir desse ponto a trilha se divide em duas vias – uma com subida bastante íngreme que inclui vários



-  Platôs
-  Áreas com vestígios Arqueológicos
-  Trilhas
-  Trilhas em processo de abertura para visitação

Croqui com indicação esquemática da localização das trilhas
(croqui: Camilla Agostini; arte: Mônica Claro)

Setorização

ES – Entorno-Sede

Sede	
ES/A1	Ruínas na compostagem
	ES/A1/S1 Setor 1 (estrutura menor)
	ES/A1/S2 Setor 2 (estrutura maior)
ES/A2	Platô de torre de tijolos
ES/A3	Barranco na lateral NE da sede

TH – Trilha da Horta

TH / A1	Horta
TH / T1	Primeiro trecho de subida
TH / A2	1º Platô
TH / T2	Segundo trecho de subida
TH / A3	2º Platô
TH / TO	Topo da pedra
TH / T3	Acesso ao 3º Platô
TH / A4	3º Platô (bambuzal)

TBF – Trilha Beija-Flor

TBF/T1	Trajeto a partir da bifurcação depois do Meliponário Estrutura compartimentada (usada como depósito de ferramentas) Estrutura de cimento (usada para depósito de sedimentos)
TBF/B	Barranco
A0	Platô 0 (intercessão com TU)
TBF/T2	Trajeto do barranco até o Recanto dos Beija-Flores (muito próximo às casas vizinhas)
TBF/R	Recanto dos Beija-Flores
TBF/TO	Topo (lado Oeste do U do Recanto dos Beija-Flores)

TU – Trilha do Urubu

Meliponário	
TU/T1	Trajeto início, subida pelo barranco (aclive suave)
TU/A1	Área para estruturação de patamares
A0	Platô 0 (intercessão com TBF)
TU/A2	Platô com a Toca do Urubu
TU/A3	Via da sequência de platôs, 1º Platô na subida
TU/A4	Via da sequência de platôs, 2º Platô na subida

TU/A5	Via da sequência de platôs, 3º Platô na subida
TU/A7	Via da sequência de platôs, 4º Platô na subida
TU/A8	Via da sequência de platôs, 5º Platô na subida (com vista)

Entorno Sede (ES)

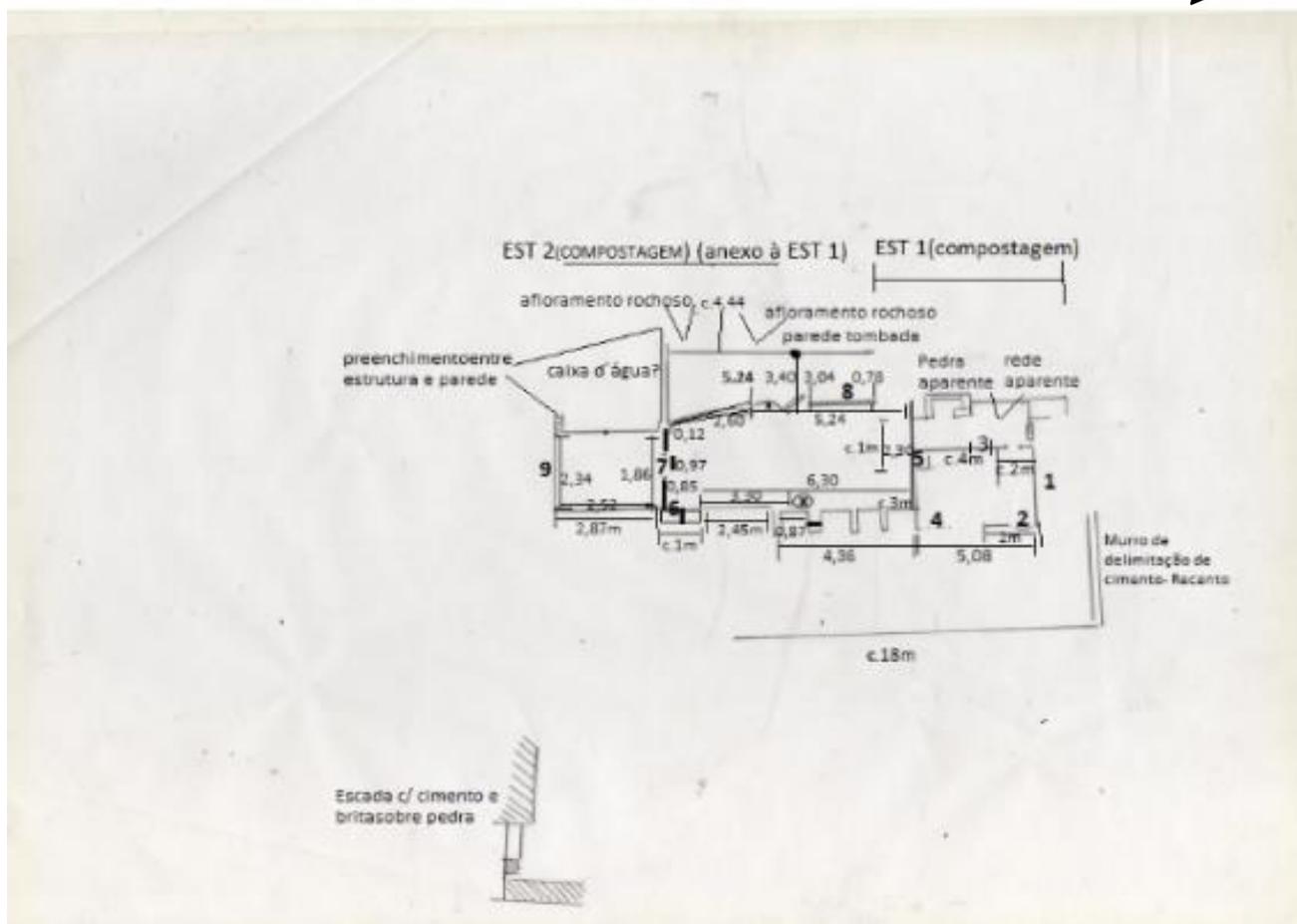
Foram identificadas duas áreas com estruturas de grandes dimensões e alto potencial para pesquisa e musealização/visitação, mas, atualmente, com risco de desabamento. A primeira área fica junto ao local para depósito de sedimentos ocupado pelo Ciclo Orgânico e é definida por dois setores: Setor 1 (anteriormente designada Est 1) e o Setor 2 (anteriormente designada Est 2) – com designação ES/A1/S1 e ES/A1/S2, respectivamente.

A segunda área é definida por apenas um setor e apresenta escada de acesso pelo parquinho com os brinquedos. A referida escada não permite acesso seguro ao público em geral. As estruturas no platô são diversas e peculiares e o local sobre o platô não oferece maiores dificuldades para o trabalho de pesquisa ou musealização/visitação, apenas seus acessos – com designação ES/A2.

A terceira área de interesse, no Entorno da Sede, é um barranco na sua lateral NE. Neste local foi observada uma grande concentração de vestígios arqueológicos do século XX em superfície e algumas estruturas de pequeno porte. A área parece pouco preservada do ponto de vista do contexto arqueológico – com designação ES/A3 (poderá ainda ser setorizada).



Setorização do Entorno da Sede (ES)
Imagem: Google Earth



EST 1

- Estrutura de tijolo maciço, argamassa de argila, reboco alado;
- tijolo c/ marca (foto);
- Piso de cimento queimado vermelho;
- Interna/pintado de branco;
- aparentemente segundo andar c/tijolo recente
- vestígios de trilha de amianto.

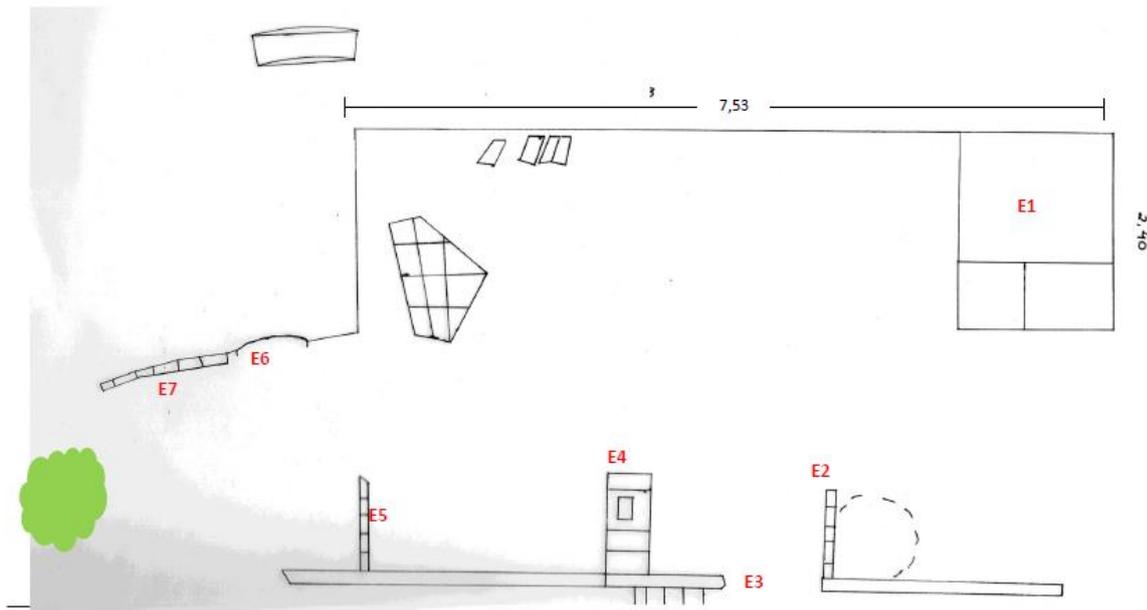
EST 2

- Tijolo recente, grandes dimensões, rebocado de cimento, caridade;
- barraco de estrutura 2 sobre rocha;
- tijolo maciço;
- ponta inferior: tijolo recente;
- estrutura sobre bloco rochoso.

Legenda:

- 1: Prefos na parede- M. Cortine? divisória;
 - 2: Janela quadrada c/ vestígios de tela;
 - 3: Porta que foi fechada;
 - 4: Parte demolida;
 - 5: Deq quadrado (c.30x40cm) feito c/ tijolos recentes (e maciços?)
 - 6: Escada "peculiar";
 - 7: Porta c/ vestígios de cluna da frente e tranca/fechadura;
 - 8: Compartimento c/ paredes tombadas/ tijolos recentes, calada de branco por dentro;
 - 9: Tijolo recente+tijolo maciço; Várias saídas de carros c/ cano; Telha de amianto; chão de cimento;
- X: Árvore

ES/A1 – Medidas do Setor 1 (anteriormente designado Est 1) e do Setor 2 (anteriormente designado Est 2)
(Croqui: Camilla Agostini e Renata Góes)



ES/A2 – Estruturas identificadas no platô
(Croqui: Camilla Agostini e Renata Góes)

Trilha da Horta (TH)

A designada Trilha da Horta tem seu acesso ao lado no portão da horta, sendo a área da própria horta (TH/A1) um local com incidência de artefatos em superfície, inclusive procedentes de deslizamento de áreas superiores, particularmente do primeiro platô (TH/A2) após a subida do primeiro trecho (TH/T1) da trilha. Ao todo foram identificados três platôs sendo o acesso aos dos dois primeiros realizado a partir de antigas escadas lavradas na rocha, remanescentes do período da ocupação. Essas áreas de relevo morfológicamente tabular, foram designadas inicialmente como Platô 1 (TH/A2), Platô 2 (TH/A3) e Platô 3 – bambuzal (TH/A4):

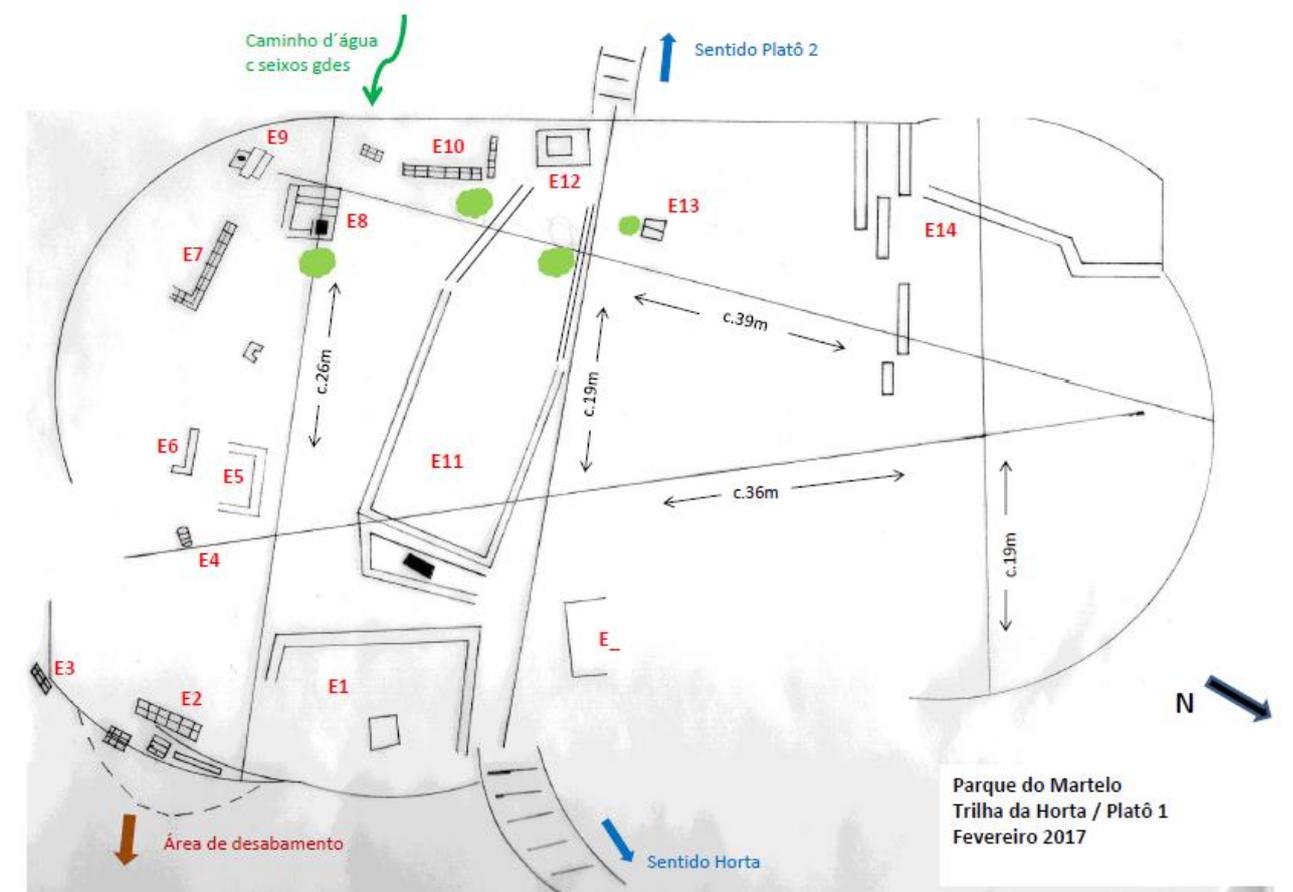
Horta	TH / A1
Primeiro trecho de subida	TH / T1
1º Platô	TH / A2
Segundo trecho de subida	TH / T2
2º Platô	TH / A3
Topo do Maciço	TO
Acesso ao 3º Platô	TH / T3
3º Platô (bambuzal)	TH / A4



TH/T1 – Primeiro trecho de subida, a partir da horta (TH/A1)
(foto: projeto Campos e Saberes)

TH/A2 (anteriormente designado Platô 1)

No TH/A2, foram identificadas em um mapeamento preliminar, em área de aproximadamente 800 m², ao menos quinze estruturas de pequeno porte, entre elas dois sumidouros, pisos cimento de queimado, degraus de escada, entre outras, além de artefatos em superfície.



TH/A2 – Geral
(croqui: Camilla Agostini e Renata Góes)

TH/A2 – descrição das estruturas identificadas:

Estruturas Identificadas – TH/A2	Imagens
<p data-bbox="287 398 518 436">Estrutura 1 (E1)</p> <p data-bbox="159 470 646 537">Estrutura de dimensões 9.14m x sem medida</p> <p data-bbox="159 571 478 616">Base de tijolo e cimento</p> <p data-bbox="159 649 646 761">Há em seu interior uma estrutura quadrangular de dimensões de 1.20m x 1.34m</p>	 <p data-bbox="1093 806 1300 840">17.02.2017 12:00</p>
<p data-bbox="287 891 518 929">Estrutura 2 (E2)</p> <p data-bbox="159 952 582 1030">Área desmoronada com risco de desabamento.</p> <p data-bbox="159 1064 630 1176">Arrimo feito de cimento de seixos arredondados, com dimensões 2m x 3m.</p> <p data-bbox="159 1209 566 1288">Há degraus de escada e piso de cimento queimado vermelho.</p>	 <p data-bbox="1093 1299 1300 1332">17.02.2017 12:04</p>
<p data-bbox="287 1384 518 1422">Estrutura 3 (E3)</p> <p data-bbox="159 1444 630 1489">Alicerce de pedra prestes a desabar.</p>	 <p data-bbox="1093 1792 1300 1825">17.02.2017 12:04</p>

Estrutura 4 (E4)

Estrutura cilíndrica contendo vestígios em seu interior (vidro).



Estrutura 5 (E5)

Dimensões: 74cm x 1.50m
h = 48cm.



Estrutura 6 (E6)



Estrutura 7 (E7)

Arrimos de pedra retangulares e cimento na base do barranco.

Dimensões: comprimento: 3.47m
h = 66cm.



Estrutura 8 (E8)

Localiza-se há 25,30m da extremidade da estrutura 5.

Estrutura com buraco (cisterna/sumidouro?).



Estrutura 9 (E9)

Latrina com acesso por escada de dois degraus.



Estrutura 10 (E10)

Alicerce de pedra com cimento.



Estrutura 11 (E11)

Estrutura com piso de cimento queimado na cor vermelha e um buraco em uma das extremidades da estrutura (sumidouro?).

Dimensão total: 10.35m x 5.50m.

Estrutura que contém o buraco: 1m.



Estrutura 12 (E12)

Caixa d' água feita de cimento.

ps.: escada de acesso ao Platô 2 ao fundo.



Estrutura 13 (E13)

Escada com dois degraus.



Estrutura 14 (E14)

Base de cimento compartimentada.

Dimensões: 6.67m x 5.30m.

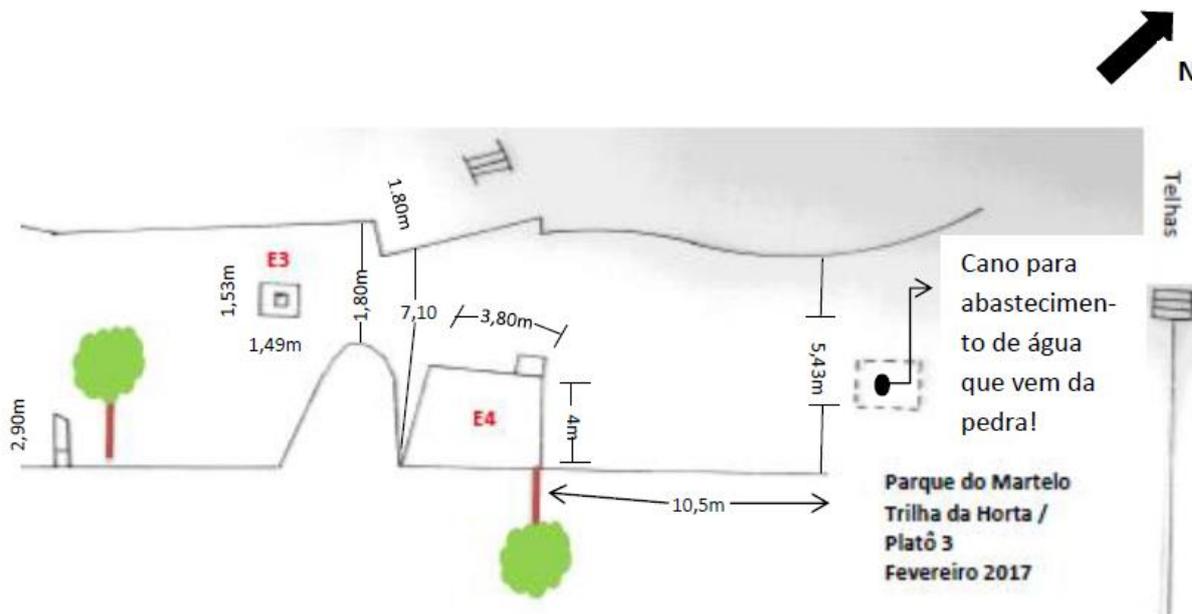


TH/A3 (anteriormente designada Platô 2)

Após o segundo trecho de subida íngreme sobre a rocha (TH/T2), chega-se ao TH/A3 (anteriormente chamado Platô 2), onde foram identificadas ao menos cinco estruturas, dentre elas, caixas d' água, sumidouro e piso de cimento queimado com acesso por degraus, além de concentração de fragmentos em superfície, chamando a atenção a grande concentração de telhas nas proximidades da base com piso de cimento queimado.



TH/T2 – Segundo trecho de subida, acesso a TH/A3, a partir de TH/A2
(foto: projeto Campos e Saberes)



TH/A3 – Geral
(croqui: Camilla Agostini e Renata Góes)

TH/A3 – descrição das estruturas identificadas:

Estruturas Identificadas – TH/A3	Imagens
<p data-bbox="288 398 520 430">Estrutura 1 (E1)</p> <p data-bbox="164 472 647 981">Estruturas de tijolo maciço sobre base de pedra. Dimensões: 1.35m x 1.25m x profundidade indefinida. Com superfície coberta por folhas, revestida externa e internamente com cimento. Argamassa com 3cm de espessura (cimento, areia, vidro e pedra rosa). Com acabamento: reboco com 0.5cm de espessura, feito aparentemente com mesma massa do emboço (areia e cimento, sem os demais componentes) e sem pintura.</p>	
<p data-bbox="288 1025 520 1057">Estrutura 2 (E2)</p> <p data-bbox="164 1099 616 1350">Estrutura de tijolo maciço. Dimensões: 1.31m x 1.39m x profundidade indefinida. Com superfície coberta por folhas. Argamassa composta por tijolo, louça, vidro e pedra. Acabamento: interno e de cimento.</p>	
<p data-bbox="288 1444 520 1476">Estrutura 3 (E3)</p> <p data-bbox="164 1518 647 1693">Estrutura quadrangular com cano em seu interior. Dimensões: 1.46m x 1.35m. Piso e placa de cimento com vão interno.</p>	

Estrutura 4 (E4)

Piso de cimento queimado vermelho contendo dois degraus.
Dimensões: 3.80m x 4m.
Com goiabeira ao lado.
Ao sul da estrutura, no solo, se encontra concentração de vestígios de telhas e tijolos.



Estrutura 5 (E5)

Piso de cimento queimado caiado, fragmentado por desabamento na encosta ao norte do platô.



TO (Topo do Maciço)

A área designada Topo do Maciço (TO) é composta por diferentes espaços e pontos de observação e não apenas por um só topo. O mapeamento detalhado desses espaços poderá ser realizado em outra oportunidade. Foram identificados dois acessos para essa área: 1) a partir de TH/A3, sendo esta acessível tanto pela Trilha da Horta, quanto por uma das vias da Trilha do Urubu; 2) Pelo lado mais a Oeste do Parque, onde faz limite com construções que estão separadas por muro e grade – no ponto da grade há um portão que se encontra trancado sem uso aparente. Este segundo acesso, antes de atingir a área do TO, passa por um platô com um grande número de espadas de São Jorge ao redor – neste local não foram identificadas, contudo, estruturas ou concentração de vestígios em superfície em um primeiro reconhecimento. Para esse acesso é preciso vencer muito íngreme encosta, seguindo a Oeste, logo após o Recanto do Beija-Flor.

Como mencionado anteriormente, desta área TO se tem diferentes vistas para apreciação:



Acesso pela Trilha do Urubu – Via que interliga com TH
(foto: projeto Campos e Saberes)



Acesso pela Trilha da Horta

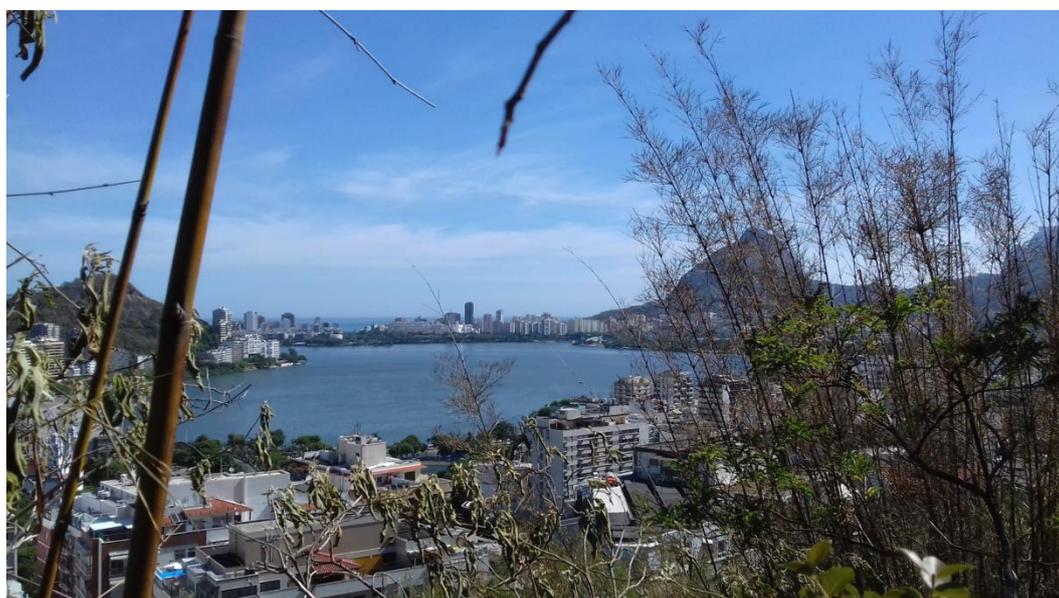


Vista do Topo do maciço

(fotos: projeto Campos e Saberes)



Vista do Topo do maciço
(fotos: projeto Campos e Saberes)



Vista do Topo, em direção a Oeste do Topo do Maciço
(fotos: projeto Campos e Saberes)

TH/A4 (anteriormente designado Platô 3)

Para o 3º Platô (TH/A4) ainda não foi realizado um mapeamento preliminar das estruturas existentes no local, sendo aparentemente apenas uma ou duas. Claudinho, morador

da rua Miguel Pereira e prestador de serviços ao parque em substituição ao zelador há três anos, em entrevista, comentou que o bambuzal existente nessa área foi plantado a fim de conter o vento para que os barracos não desabassem.

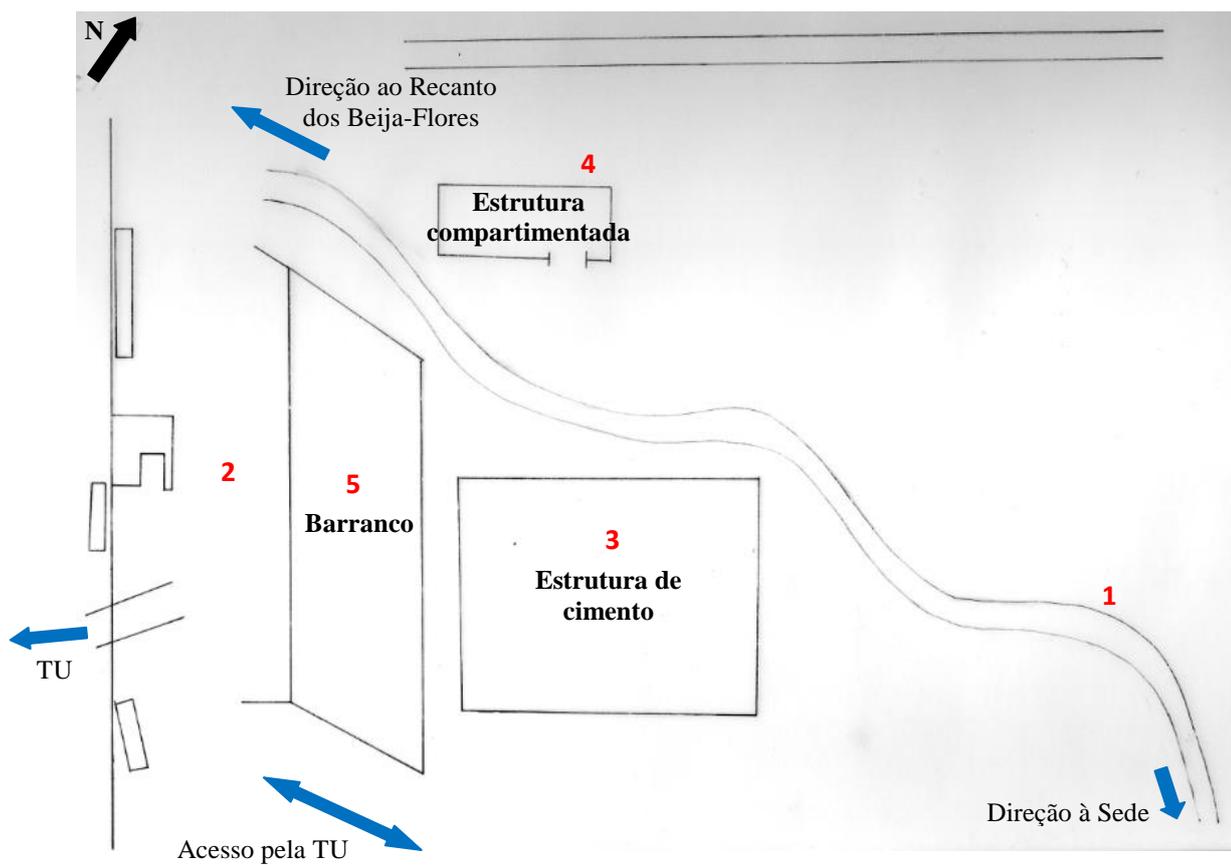


TH/A4 – Bambuzal
(fotos: Projeto Campos e Saberes)

Trilha do Beija-Flor (TBF)

Este é o terceiro trecho identificado para visitação. Seu percurso possui uma suave inclinação, o que permite fácil acesso a crianças e idosos, configurando-se como uma trilha-passeio de curta duração. Em tal trajeto é possível entrar em contato com a história e memória do período que remonta a antiga ocupação, com a apresentação do passado das oficinas e a interação dos espaços doméstico e de trabalho.

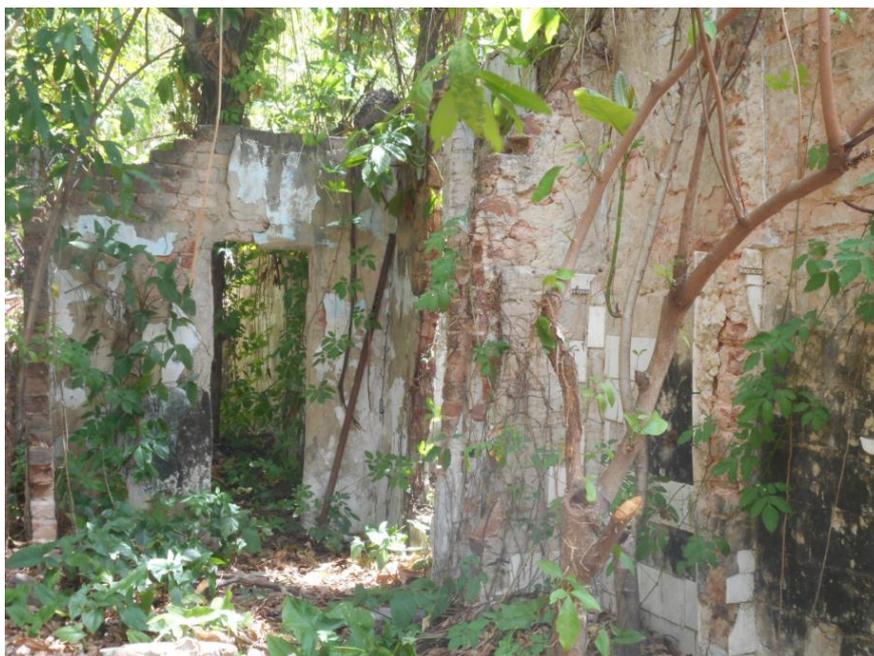
- 1) Trajeto início
- 2) A0 (intercessão com TU)
- 3) Estrutura de cimento usada para depósito de sedimento pelo Ciclo Orgânico
- 4) Estrutura compartimentada usada como depósito de ferramentas pelo Ciclo Orgânico
- 5) Barranco



TBF – Esquema geral do primeiro trecho: do Meliponário até o Barranco
(Croqui: Camilla Agostini e Renata Góes)



TBF – Estrutura de cimento
(Foto: Projeto Campos e Saberes)



TBF – Estrutura compartimentada
(Foto: Projeto Campos e Saberes)



TBF/B – Barranco
(Foto: Projeto Campos e Saberes)



TBF/B – vestígios com alto grau de integridade: objetos de uso doméstico (vidro de remédio, garrafinha de Yakult, urinol, vidro de perfume, recipiente de vidro (de Toddy?), garrafa de guaraná) e relacionados ao trabalho na oficina mecânica (borracha/magueira com óleo, fios, peças de automóvel)
(Foto: Projeto Campos e Saberes)

Trilha do Urubu (TU)

Após um primeiro trecho de subida por suave aclive há área com potencial para estruturação de dois ou três patamares para espaço de repouso, encontro ou contemplação para os visitantes. O limite dessa área para os patamares é um muro de arrimo em pedra, com pontos com risco de desmoronamento e algumas estruturas no seu alinhamento.

Subindo poucos degraus tem-se acesso à Toca do Urubu. A partir desta a Trilha do Urubu se divide em duas vias, como mencionado anteriormente: 1) via com sequência de pequenos platôs com estruturas em risco de desmoronamento, cujo topo apresenta platô com potencial para ponto de descanso e apreciação da vista – cabe ressaltar que o trajeto-via não está estruturado; 2) via íngreme, de dificuldade acentuada que também ainda não está estruturada, e que segue em direção à TH/A3, se interligando com a Trilha da Horta.

Sequência do início, seguindo pela via com os platôs:

Trecho de subida por aclive suave	TU/T1
Área para patamares	TU/A1
Platô 0 (intercessão com TBF)	TU/A0
Platô com a Toca do Urubu	TU/A2
1º Platô	TU/A3
2º Platô	TU/A4
3º Platô	TU/A5
4º Platô (com vista)	TU/A6

Em abril de 2017 foi realizada a disciplina Práticas de Campo I do curso de graduação em Arqueologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Em aulas realizadas às sextas-feiras, no turno da manhã, a fim de treinamento dos estudantes, foram realizados: a limpeza, a identificação e o mapeamento das estruturas do então designado Platô 1 da Trilha do Urubu (TU/A3).

A TU/A3 foi, então, setorizada para fins de registro em 16 trechos (ou “paredes”), além de um “tanque”, uma “escada” e uma estrutura não identificada. Com o decorrer do trabalho uma das paredes desabou após dia de forte chuva. Foi feito um reconhecimento dos materiais em superfície, mas apenas coletadas amostras das argamassas referentes a cada trecho de parede para comparação.

A0

Esta é uma área de intercessão entre a Trilha do Urubu e a Trilha do Beija-Flor. Tem no seu entorno imediato: o barranco mencionado na descrição da TBF, que guarda rico conteúdo cultural; local onde se cogita a estruturação de patamares, no início da TU; muro de arrimo que dá acesso por uma escada à Toca do Urubu e está em risco de queda; duas estruturas de cimento.



Renata sobre A0, com o barranco a esquerda. Ao fundo a estrutura de cimento que atualmente serve para depósito de sedimentos no primeiro trecho da TBF.

(Foto: Projeto Campos e Saberes)



Arrimo com escada. Ao fundo, nota-se ponto onde já ocorreu desmoronamento da estrutura.



Estrutura de cimento alinhada ao arrimo.

(Fotos: Projeto Campos e Saberes)

TU/A2 (Toca do Urubu)

O nome Toca do Urubu deve-se a identificação de local onde um casal de urubus se abriga(va). A partir deste ponto a Trilha do Urubu se divide em duas vias: mais para Norte, com a sequência de platôs; mais ao Sul, via ainda não aberta que se interliga, no alto, com a Trilha da Horta e dá acesso ao Topo do Maciço.

No local há vestígios de antigo reservatório de água construído junto ao afloramento rochoso e materiais em superfície.



Reservatório de água à esquerda; área de TU/A2
(Fotos: Projeto Campos e Saberes)

TU/A3 (anteriormente chamado de Platô 1)

Esta foi a área utilizada para atividade didática junto a estudantes de arqueologia da UERJ, sendo o primeiro platô, da sequência de platôs que sobe a via mais a Norte da TU. Descrições pormenorizadas dos trechos das paredes constam no caderno e fichas de campo e, mais adiante, uma síntese do trabalho então realizado.



Acesso ao fundo e à esquerda; e vestígio de telhado de amianto cravado no afloramento rochoso
(Foto: Projeto Campos e Saberes)



Área geral de TU/A3, à esquerda; e TU/A3/T2 – foto do segundo trecho de parede que veio a desabar no dia do primeiro reconhecimento (21/02/2017)
(Fotos: Projeto Campos e Saberes)

TU/A4

Esta área está logo a cima de TU/A3, sendo provavelmente parte da mesma estrutura. Apresenta remanescentes de paredes, alguns com risco de queda. O pavimento, no limite com TU/A3 também não sugere muita estabilidade.



Área geral de TU/A4, à esquerda; e vestígio de parede com risco de queda
(Fotos: Projeto Campos e Saberes)

TU/A5

Platô com estruturas, vestígios de paredes com risco de queda.



TU/A5

(Fotos: Projeto Campos e Saberes)

TU/A6

Último dos platôs, com área em potencial para ponto de descanso e apreciação. Apresenta poucas estruturas remanescentes próximas ao barranco, incluindo uma latrina. Não foi possível averiguar os materiais em superfície pela cobertura vegetal.



TU/A6 – Último dos platôs da via mais a Norte da TU: à esquerda área com potencial para estruturação de local para repouso e apreciação; à direita estruturas remanescentes de pequeno porte, no primeiro plano à esquerda e ao fundo à direita (ambas de cimento e tijolo)

(Fotos: Projeto Campos e Saberes)

Atividade didática

O Projeto Campos e Saberes prevê diferentes formas de aplicação de sua proposta de experiência de prática de trabalho de campo interdisciplinar. No caso, houve uma integração entre a sua atuação em colaboração ao Projeto PolÉN e a realização da disciplina Prática de Campo I, do curso de graduação em Arqueologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, ministrada no primeiro semestre de 2017.

Estiveram envolvidos nas atividades desenvolvidas pela referida disciplina sete estudantes:

Carlos Gabriel Paes Dias

Graziella da Costa Guedes

Kamila Cardoso dos Passos de Oliveira

Lorrayne Samille Santos de Brito

Luan Sancho Ouverney

Mariana Menge Nieto

Marina Coimbra Duque

Daniel Santos (Unirio / aluno externo-ouvinte)

Contamos ainda com a participação da prof.^a Clarissa Canedo, do Departamento de Zoologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, e o suporte permanente da equipe de estagiários integrantes do projeto Campos e Saberes referida no início deste Relatório.

Prática de Campo

Uma das áreas referidas a cima (TU/A3), associada à Trilha do Urubu, com seus vestígios serviu para a realização da referida disciplina Prática de Campo I, parte do programa do curso de graduação em Arqueologia da UERJ, com o objetivo de treinamento de estudantes do curso. O semestre letivo foi realizado integralmente no local, com a identificação e mapeamento de estruturas e vestígios em superfície, além de aulas sobre definição e setorização de sítios arqueológicos contemporâneos (ou de um passado recente), contando ainda com palestra sobre segurança do trabalho em áreas de mata, conferida pela professora Clarissa Canedo (Departamento de Zoologia da UERJ).

Ocorreram, ao todo, sete dias de aula, como se segue:

No dia 05 de maio de 2017, foi realizada a aula inaugural da disciplina de “Práticas de Campo I” no qual foi apresentado o curso para a turma e feito um reconhecimento das trilhas e do conteúdo histórico-arqueológico no parque.

No dia 12 de maio de 2017, foi realizada em TU/A3 a limpeza de vegetação e identificação de materiais em superfície, como garrafas (bastante íntegras), escada e um tanque em que foi identificada uma grande concentração de lixo entre s quais, fragmentos de sanitário, vidro de perfume, peça de metal, vasilhas, meia e chapéu.

No dia 19 de maio de 2017, foi realizada uma palestra sobre segurança no trabalho de campo em área de mata: “Animais peçonhentos: Conhecer para prevenir” ministrada pela professora Clarissa Canedo do Departamento de Antropologia.

No dia 26 de maio de 2017, foi apresentado o objetivo definido em reunião do grupo PoléN sobre o trecho a ser iniciado para mapeamento da Trilha do Urubu, com descrição de metodologia de reconhecimento e setorização da área a ser trabalhada para o mapeamento. Deu-se, ainda, continuidade à limpeza de TU/A3, e feitas medições do trecho próximo à sede.

No dia 02 de junho de 2017, foram feitos registros fotográficos, medições, identificação de materiais construtivos (estrutural e de acabamento) e vestígios móveis.

No dia 09 de junho de 2017, foram feitos desenhos e croquis das fachadas por trechos, com ênfase em TU/A3/P2, Escada, assim como um croqui da planta baixa de TU/A3 e identificação dos objetos dispersos em superfície.

No dia 23 de junho de 2017, identificou-se desmoronamento de TU/A3/P2 após forte chuva. Com o dia de chuva foi realizada uma atividade de exercício de preenchimento de ficha de registro de sítio arqueológico, segundo as normativas do IPHAN. Houve descrição geral dos materiais construtivos identificados em TU/A3.



TU/A3 – Limpeza
(Fotos: Projeto Campos e Saberes)



TU/A3/P2 antes do desmoronamento – 02/06/2017

TU/A3/P2 desmoronada – 23/06/2017

(Fotos: Projeto Campos e Saberes)

Coleta e identificação de materiais

Junto à equipe do Parque do Martelo vem sendo pensada estratégia para coleta de materiais de superfície – vestígios da ocupação do século XX – que comumente são varridos e acondicionados como lixo contemporâneo regular. Essa coleta visa salvaguardar materiais que afloram em superfície e que podem servir para o entendimento da antiga ocupação; formar coleção com materiais contemporâneos para uso didático; auxiliar na observação, identificação e mapeamento dos espaços ocupados antes da criação do Parque; e iniciar um processo educativo junto aos gestores e moradores locais de se compreender o lixo como um recurso para o conhecimento, para inspirar a responsabilidade sobre a memória de grupos que não tem sua história salvaguardada; assim como para refletir sobre potencialidades não acadêmicas desse material contemporâneo, como forma de expandir o diálogo com diferentes grupos de interesse.

Uma consulta sobre a necessidade de Portaria de autorização de pesquisa e para coleta e guarda de materiais referentes ao século XX foi realizada junto às técnicas da 6ª SR / IPHAN – RJ. Em reunião na 6ª SR, as mesmas consideraram que, não havendo material anterior ao século XX no local, não seria necessário o procedimento de autorização para pesquisa e guarda do material. Ressaltaram, no entanto, que, caso ocupações ou materiais anteriores ao século XX fossem identificados, o IPHAN deveria ser notificado e que o procedimento padrão para autorização fosse iniciado. Em anexo, segue cópia de Ofício com uma resposta formal sobre o discutido na referida reunião.

Argamassa

Considerando o potencial de análise de materiais construtivos, os estagiários da equipe Campos e Saberes fizeram um exercício para tentar reconhecer as diferentes argamassas identificadas em TU/A3. Para localizar/contextualizar cada amostra recolhida, fizeram uso da setorização realizada pelos discentes da disciplina Prática de Campo I. A seguir, o resultado desse exercício:

TU/A3/P1: Não apresenta vestígios de tijolo

TU/A3/P2: Apresentam ao menos três tipos de argamassa, toda com cimento, areia (no geral parece pouca areia), mas muito dura e concreta.

TU/A3/P3: Parede com tijolo maciço: argamassa de cimento mais areia (mais porosa). Parede com tijolos recentes: Argamassa mais dura (sem areia).

TU/A3/P4/P5/P6: Cimento e areia (impressão de parte mais dura, cimento por fora e mais areia por dentro – esperar secar para conferir).

TU/A3/P7: Parede pequena (colete com pequeno pedaço de tijolo): cimento mais duro.

TU/A3/P8/P9: Argamassa, cimento e areia “bem misturado”, cimento “mole”.

TU/A3/P10: Argamassa, cimento e areia “bem misturado”, cimento “mole” (trecho em diagonal).

TU/A3/P11/17: Fotos no local / sem amostra.

TU/A3/P12: Argamassa, cimento e areia “bem misturado”, cimento “mole”.

TU/A3/P13: Argamassa, cimento e areia “bem misturado”, cimento “mole”.

TU/A3/P14: Não apresenta informações.

Argamassas coletadas – 06/17; amostras coletadas pela turma de Prática de campo na Trilha do Urubu / Área 3:

Amostra	Descrição	Imagem
01	Amostra escada, trilha do urubu, platô 1: material com cores diferentes nas suas duas faces, uma mais clara com marcas simétricas lineares paralelas e a outra mais escura com cimento. Composta com grãos de granulometria média.	
02	Amostra do tanque, trilha do urubu, platô 1: material com cor clara, presença de musgo na parte que se assemelha a “quina” do tanque, apresenta uma leve curvatura e uma “marca vazia” (...) que provavelmente foi formado no processo posterior a consolidação quando houve a desagregação de uma fragmento em uma das faces. Quanto a outra feição possui mais característica mais rudimentar com grãos que variam de granulometria “média” e “muito fina”.	
03	Amostra de estrutura não identificada: material de cor clara, possui pequena quantidade de areia vermelha (...) possivelmente oriundo de areia de formigueiro ou do contato com tijolo	
04	Amostra da P2: Face1 – Material com coloração verde, possuidor de uma areia vermelha em sua superfície, textura caiada rugosa. Face 2 – Cimentada, superfície lisa com base em 2 de suas extremidades (...) lembra canto de parede (...), granulometria fina.	

<p>05</p>	<p>Amostra 1 da P3(b), trilha do urubu, platô 1: presença de musgos em sua lateral; face 1 – pedra pequena cinza incrustada, textura rugosa, granulometria grossa. Face 2 – vigência de estruturas de coloração vermelha também incrustada (...) possivelmente uma pedra (...), elemento escuro ferroso incrustada, granulometria média a muito fina. (...) ondulação similar as de um tanque (...).</p>	
<p>06</p>	<p>Amostra 2 da P3(a), trilha do urubu, platô 1: presença de um elemento escuro ferroso, com grãos de granulometria fina (fragmentada durante análise).</p>	
<p>07</p>	<p>Amostra da P5, trilha do urubu, platô 1, face 1: material de superfície lisa e curvilínea com coloração clara. Face 2: Superfície rugosa (...) possivelmente com acabamento em pedra (...) e presença de raízes.</p>	
<p>08</p>	<p>Amostra da P7, trilha do Urubu, platô 1: estrutura com base seguida de corpo cilíndrico, presença de cimento, terra escura (...) pode ser indicativo do contato com cupinzeiro (...) e existência de fragmento de tijolo queimado.</p>	

09	<p>Amostra da P8 + P9, platô 1: material com presença de musgos, coloração predominantemente cinza claro, com presença terra escura (...) possível contato de um cupinzeiro, presença de ferro bastante desgastado e marcas paralelas, simétricas e lineares.</p>	
10	<p>Amostra da P10, trilha do urubu, platô 1: estrutura de argamassa por um todo, sem acabamento, contato com terra escura (...) indicativo de contato com cupinzeiro (...).</p>	
11	<p>Amostra da P12, trilha do urubu, platô 1: estrutura alongada, coloração cinza, acabamento curvilíneo liso em uma das superfícies e outra face de acabamento rugoso.</p>	
12	<p>Amostra da P13, trilha do urubu, platô 1: estrutura de coloração clara, com presença de raízes, com areia fina como matriz e areia grossa como arcabouço.</p>	

13	Amostra da P14, trilha do urubu, platô 1: estrutura alongada, com ângulos que indicam ser de uma quina e possui uma de suas faces caída, presença de ferro, presença de raízes e areia escura (...) possível contato com areia de cupinzeiro.	
14	Amostra da P15, trilha do urubu, platô 1: material que possui marcas que evidenciam o contato com o cupinzeiro, superfície lateral plana, coloração clara, possui granulometria fina.	
15	Amostra da P16(b), trilha do urubu, platô 1: material com coloração clara, extremamente fragmentada e com granulometria fina.	
16	Amostra da P16, trilha do urubu, platô 1: estrutura bem preservada da união de dois tijolos, apresenta alto-relevo cilíndrico (...) que remete a tijolos antigos que possuíam furos menores e arredondados, coloração escura por conta da areia (...) indicação do cupinzeiro.	

Pesquisa histórica (oralidade e memória) sobre antiga ocupação que ocorreu no local

A ocupação referida anteriormente não teve até hoje a sua história registrada, ainda que tenha compartilhado trajetória semelhante de comunidades vizinhas, tais como a da Chacrinha (Copacabana) e da Catacumba (Lagoa), que contou, no seu término, com a remoção das pessoas do local. Para uma primeira aproximação de como e quando surgiu a comunidade onde hoje se encontra o Parque do Martelo, como se caracterizava, o tempo da ocupação e quem teria residido no local, foram procurados moradores do entorno que pudessem contar sua história (Roberto, Claudinho – da rua 3 Miguel Pereira; Marquinhos, Deise (?), Dona Isabel (?), Celina (?), entre outros, – do Recanto familiar), assim como os próprios gestores do parque, associados da AMAH. Com esse intuito, até o presente momento, foi realizada apenas uma breve aproximação para reconhecimento de possíveis pessoas a serem entrevistadas e para averiguarmos a possibilidade de contarmos com a participação/colaboração/interesse dos mesmos para pensar na implementação das trilhas, incluindo histórias e memórias do que e de quem esteve antes ali.

Foram realizadas entrevistas no dia 23/03/2017 com Roberto e com Claudinho, no dia 03/06/2017 ocorreu à segunda entrevista com Claudinho e no dia 17/06/2017 no Recanto Familiar. A partir das entrevistas, foram registradas algumas datas que poderão auxiliar, futuramente, em definição de cronologia da ocupação:

1945 – Data mais antiga estimada (por Roberto) para o “surgimento” da comunidade.

1955 – Nascimento do Roberto.

1970 – Nascimento de Marquinhos.

1977 – Roberto ingressa na universidade

1980 – Claudinho estima que havia moradores na comunidade.

1980/1982 – A mãe de Marquinhos chega ao Martelo (Oriundos de Muriaé – MG).

1985 – Marquinhos começa a trabalhar na oficina do Djalma (Martelo).

1991 – Claudinho chega no Rio de Janeiro, em sua residência atual, na rua Miguel Pereira.

? – O terreno fica sob concessão da SERVENCO.

2000 – Data de concessão do terreno do parque para a AMAH.

*As cores em azul fazem menção a dados obtidos no Recanto Familiar.

Antigos moradores

A antiga comunidade obteve notoriedade por conta da presença de várias oficinas de automóveis. Marquinhos, fazendo uso da memória de quem trabalhou em uma delas, localiza espacialmente as oficinas nas proximidades da atual sede do parque, em direção ao Corcovado, sendo os proprietários, nessa ordem:

1. Valter
2. Djalma
3. Joel
4. Caetano
5. “Bilu” (tido com último morador, por Roberto)
6. * “7 dedos”- Não se sabe a localização de sua oficina (seria ele o Djalma? – Marquinhos não faz referência ao “7Dedos”, mencionado pelo Roberto)

Além dos proprietários das oficinas, também foram mencionadas as seguintes pessoas:

1. Sr. Malheiros
2. Rosa
3. João Grandão
4. Antônio
5. Domingos
6. Zé

Banco de dados de personagens

Nome: “7 dedos”	Profissão: Funileiro
Citado por: Roberto	

Descrição: 7 dedos era português, segundo antigos moradores fazia parte da Interpol (seria um espião na época da guerra) e era conhecido por possuir uma arma.

Nome: “seu Bilu”	Profissão: Funileiro
Citado por: Roberto	

Descrição: Seu Bilu era famoso devido ao seu trabalho. Segundo relatos “o Rio de Janeiro inteiro” concertava seus carros com ele, uma vez que o próprio restaurava a peça específica e não o todo. Em 1977, foi o último morador a ser removido e foi realocado na Cidade de Deus, onde morreu de infarto. Amigo do Roberto. Sua oficina era a maior do local, possuindo até um vestiário para funcionários.

Nome: Malheiros	Profissão: Serralheiro
Citado por: Roberto	

Descrição: Um dos primeiros moradores do local, artista restaurador renomado. Tinha 2 filhos (Rosa e João Grandão). Seu Malheiros também administrava a conta de luz da vizinhança, uma vez que era em conjunto.

Nome: Rosa	Profissão: Professora de catecismo
Citado por: Roberto, Celina	

Descrição: Roberto a refere como filha do Seu Malheiros. Ela possuía três filhos, morava na casa (menor do que a estrutura atual) onde hoje em dia é a sede do parque. Dava aula de catecismo no Pensionato. Uma das últimas moradoras a sair.

Celina falou de Rosa, referindo-se a ela como Rosinha (a catequista que morava na casa da atual sede), disse que Rosa era bem rígida como professora. Comentou que perdeu o contato com ela.

Nome: ?	Profissão: Lavadeira
Citado por: Roberto	

Portuguesa que lavava roupa para aquela região e frequentava a favela. Conhecida por ser muito “trabalhadeira” e ativa.

Nome: Domingos	Profissão: Segurança da SERVENCO
Citado por: Roberto	

Primeiro segurança, contratado pela construtora SERVENCO para tomar conta da área onde hoje é o parque. Veio da Paraíba, onde deixou mulher e três filhas. Em dado momento, sua esposa e filhas vieram para o Rio de Janeiro e se instalaram no “quartinho” onde seu Domingos ficava. Domingos pensou que a filha mais nova não fosse sua por conta da idade da menina, e, por isso, teria de desentendido com a esposa, que, por conta do stress da situação, enfartou. Em decorrência desse evento, a SERVENCO o despediu.

Nome: Antonio	Profissão: Segurança
Citado por: Roberto	

Segundo segurança (contratado pela associação de moradores). Criava animais e incomodava a vizinhança por isso.

Nome: Seu Zé	Profissão: ?
Citado por: Claudio	

Claudio comenta sobre seu Zé ser um ex-morador que já retornou ao Parque.

Pesquisa sobre a história-memória do Parque do Martelo

O presente levantamento dedicou-se prioritariamente aos vestígios materiais histórico-arqueológicos presentes na área do atual Parque do Martelo, que foram identificados como remanescentes da ocupação do século XX da comunidade que foi removida. Assim, pode-se considerar, grosso modo, três principais momentos de ocupação da área:

- 1) Tempo da comunidade;
- 2) Tempo do embargo, com presença dos seguranças;
- 3) Tempo do Parque.

O levantamento sobre a antiga comunidade, bem como o histórico pela conquista desse espaço garantido como área verde urbana, foram apenas identificados como histórias ainda a serem levantadas / sistematizadas / contadas. A cima apresentou-se um arrolamento de personagens que pode orientar o início de futura pesquisa.

Sobre a história do parque propriamente, foi realizada visita ao acervo de documentos referentes ao Parque do Martelo, sob a guarda de Maria Cristina Cabral, com o estagiário Daniel Santos, estudante de Ciências Ambientais da Unirio, que atua junto ao projeto PoleN, sob orientação da professora Michelle Sampaio (Unirio). A associada da AMAH Cristine Flores fez um levantamento cuidadoso sobre a história de luta dos moradores para que não fosse construído um edifício no local, após a remoção da comunidade. A organização dos moradores conseguiu o embargo da obra e garantiu a destinação da área para um parque público. Hoje o Parque do Martelo é uma área pública municipal, sob gestão da AMAH; não sendo formalmente registrado como uma Unidade de Conservação Ambiental.

Registro gráfico e fotográfico

Todas as atividades, além de registros gráficos, geraram bancos de imagens, com fotografias e pequenos vídeos que foram organizados e podem ser consultados junto ao Projeto Campos e Saberes.

Considerações finais

Este relatório teve como objetivo descrever elementos histórico-arqueológicos presentes na área do atual Parque do Martelo, assim como as atividades desenvolvidas pelo Projeto Campos e Saberes durante o período de fevereiro a setembro de 2017. Foram identificadas áreas com profusão de vestígios da ocupação anterior à existência do parque, que apresentam potencial para pesquisas arqueológicas sobre o contexto de favelas do século XX; para projetos sobre políticas de memória; bem como para se pensar em possibilidades de trabalhos ligados à museologia social, na criação não apenas de exposições, na instrumentalização de trilhas interpretativas, mas, também, no processo de memorialização de uma experiência de ocupação popular na cidade do Rio de Janeiro junto às pessoas que viveram ali e/ou aos diferentes atores que tenham memórias sobre a mesma.

A musealização de espaços ao ar livre, seja em forma de exposição, seja em diálogo com projetos de trilhas interpretativas, requer a atuação de equipe interdisciplinar. Considerando, ainda, a importância de desenvolvimento dessas propostas em diálogo e coparticipação com os diferentes grupos de interesse do local, considerando ser o parque um espaço público.

Outro aspecto, para além da pesquisa e da instrumentalização de espaços e vestígios nos circuitos de visitação, é o potencial didático que tem o parque. Nesse sentido, é possível pensar sua área como um conjunto de salas de aula com características diversas. Seja por conterem grande diversidade de temas passíveis de serem aproveitados por professores com estudantes – tais como educação ambiental, manejo de recursos e sustentabilidade, biologia, botânica, cultivo de vegetais, observação de fauna, história da cidade do Rio de Janeiro, arqueologia, antropologia, artes plásticas, entre outras –, seja pela diversidade dos próprios espaços educativos – dentro da sede, em lugares ao ar livre, em meio à mata, em meio à ruínas, no alto da montanha.

Este potencial didático é ainda mais expressivo com a criação de pontes entre as diferentes especialidades, criando diálogos entre saberes e temporalidades. Um belo exemplo dessa possibilidade é um encontro da geologia, da botânica e da arqueologia no alto da Trilha da Horta (em TH/A3). Neste local, junto ao maciço milenar, há uma árvore que venceu sua própria queda, lançando suas raízes de volta ao solo a partir do seu tronco. Esta árvore se despreendeu do maciço rochoso provavelmente por alguma intempérie e veio abaixo num só dia. Ao cair, deixou à mostra marcas na pedra, produzidas antes do seu próprio nascimento. O maciço milenar havia sido talhado por antigos moradores para ali construírem suas casas. Um

dia essas casas foram removidas. Um dia que foi, na verdade, um processo. Um processo sociohistórico e também um processo judicial. Não se sabe ao certo onde essas pessoas lançaram suas raízes, já que, como a árvore, sobreviveram; mas, diferente dela, não mais ali.



TH/A3 – encontro de saberes e temporalidades
(Fotos: Projeto Campos e Saberes)

São muitas as possibilidades de encontros como esse. Como os encontros do próprio Projeto PoleN que reúne colaboradores com suas diferentes especialidades, gestores, funcionários e amigos do parque.

Por fim, vale a ressalva sobre as limitações das atividades, bem como as muitas lacunas do presente relatório. Elas se justificam pelas dificuldades de trabalho extremas na conjuntura da crise pela qual passa a UERJ e pela greve dos docentes e técnicos administrativos que limitam consideravelmente as possibilidades logísticas e humanas para a concretização plena do que foi inicialmente proposto.